

Artigo referente à CONFERÊNCIA 1
- Corpo, Exclusão e Diversidade Sexual –
Curso Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero

UMA DOSE DE REDUÇÃO DE DANOS PARA A DIVERSIDADE
EXCLUDENTE

Flávia Costa da Silva¹

*“Vários tipos de categorias profissionais
vão ser convidadas a exercer funções
policiais cada vez mais precisas:
professores, psiquiatras, educadores de
todo tipo” (Michel Foucault).*

Segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI – versão 3.0 –
novembro de 1999:

Diversidade = Diferença, dessemelhança, dissimilitude.

Multiplicidade de coisas diversas.

Excludente = que exclui

Exclui = Ser incompatível com

Afastar, desviar, eliminar.

Pôr de lado; abandonar, recusar.

Não admitir; omitir.

Pôr fora; expulsar.

Privar, despojar

Pôr-se ou lançar-se fora; isentar-se, privar-se.

Quando falo em **“diversidade excludente”**, refiro-me a **recusar, expulsar, não admitir a multiplicidade de coisas diversas...**

¹ Cientista Social - Coordenadora da Política Municipal em HIV/aids e do Programa Redução de Danos da Secretaria Municipal de Saúde de Santa Maria – RS. E-mail: flaviacosta06@yahoo.com.br

Fazemos isso, por exemplo, quando concebemos saúde como ausência de doença, prevenção ao uso de drogas como **não usar nunca** ou **parar de usar para sempre**, educação como sinônimo de escola ou escola como sinônimo de educação.

Estas formas de conceber/ser/estar no mundo, muitas vezes são fenômenos não ditos, ou até mesmo negados, porém consideravelmente sentidos... Contemporaneamente, tão visivelmente sentidos que se refletem na noção de crise: crise *na* e *da* saúde, crise *na* e *da* educação, crise *da* e *na* família, crise *das* e *nas* instituições...

Ora, se ainda vivemos nos pólos do mente/corpo, razão/emoção, ciência/política, como pensamos crise na perspectiva do diagrama chinês: perigo e, ao mesmo tempo oportunidade?!

Nossa cegueira intelectual/emocional tem trabalhado, frente à instauração da crise, para o acirramento de posturas radicais excludentes, intolerantes e fundamentalistas... Neste sentido, no que diz respeito às práticas sociais, são notáveis as concepções/abordagens excludentes, intolerantes e polarizadas: nos serviços de saúde “não se percebe” e não se trabalha com a dimensão político-social da saúde; nas escolas, apesar do culto pedagógico a subjetividade e intersubjetividade, há uma castração generalizada dos encontros... E o que dizer dos encontros nas famílias? Encontros disciplinadores, negativados, marcados pela intolerância, pela ausência de respeito à diversidade que cada ser expressa e imprime.

Um dos principais teóricos das ciências sociais, enquanto área de conhecimento, Émile Durkheim, defendeu a idéia de que “sociedade não é somente a soma de indivíduos”. No processo de construção social da realidade há que se considerar, a categoria opinião pública, a qual segundo o autor,

“(...) trás de suas origens uma autoridade moral pela qual se impõem aos particulares. Ela resiste aos esforços que são feitos para violentá-la, reage contra os dissidentes, tal qual o mundo exterior reage dolorosamente contra aqueles que tentam se rebelar contra ele. Ela censura aqueles que julgam as coisas morais por princípios diferentes daqueles que ela prescreve; ridiculariza os que se inspiram numa estética diferente da sua (...) Assim se pode explicar a espécie de

pressão que sofremos e da qual temos consciência quando emitimos julgamentos de valores... sentimos bem que não somos os senhores de nossas apreciações: que estamos amarrados e contrafeitos. É a opinião pública que nos prende".
(1998:55)

Então, se é possível dizer que a sociedade é maior que a soma dos indivíduos; que estamos presos a uma opinião pública que nos impede de emitirmos perguntas desestabilizadoras; que a opinião pública constrói e legitima as práticas de controle; como é possível reduzir esses danos num ser a quem não é possível sentir?!

Redução de danos, segundo o dicionário:

Redução = Ato ou efeito de reduzir (-se); diminuição.

Danos = Mal ou ofensa pessoal; prejuízo moral.

Redução de Danos no âmbito da saúde pública caracteriza-se como uma política pública de saúde voltada **para pessoas que usam drogas e não querem, não podem ou não conseguem parar de usar drogas**. Pois, de forma hegemônica, o uso de drogas, principalmente as ilegais, é pensada e tratada pela saúde pública na perspectiva da dependência, a qual contempla a produção de um quadro de tolerância, síndrome de abstinência, compulsividade, desestruturação da vida pessoal e persistência no consumo apesar dos efeitos nocivos, portanto o uso de drogas é visto como doença.

Considerando o que hegemonicamente se entende por saúde, ou seja, ausência de doença; no que concerne ao uso de drogas, a noção de saúde é expressa pela abstinência ao uso. Tal entendimento e abordagem sugerem tratar de forma bastante reducionista, não só as substâncias, que são históricas em diferentes sociedades, como também os efeitos nos corpos e nos espaços de socialização de diferentes sujeitos. Pois, no tocante ao uso de drogas, o corpo assume um papel emblemático... É nele que a experiência acontece, assim como é dele que a experiência emana. Ou seja, um corpo em contato com uma substância psicoativa recebe e produz efeitos que compreendem, porém transcendem a ordem do "bio-psi" e assumem uma característica socio-cultural.

Desta forma, a redução de danos preconiza que a busca por tratar questões relativas ao uso de drogas na vida dos diferentes sujeitos devem ser pensadas e construídas considerando e contemplando diferentes usos e contextos de diferentes sujeitos que usam diferentes drogas e que apresentam diferentes demandas ao campo da saúde. Enfim, no que diz respeito ao uso de drogas e sua interface com saúde-doença há que se considerar o saber do usuário em detrimento da objetivação do usuário construída e legitimada pelo conhecimento biomédico.

Desta forma, é possível dizer que a Redução de Danos busca e contempla a noção de diversidade frente ao uso de substâncias psicoativas, e que então pode se caracterizar enquanto um conceito polissêmico.

Pensando através de uma lente polissêmica da Redução de Danos, o que seria reduzir danos no campo da educação?

De acordo com Corrêa,

“Seria tentador proceder à separação, à identificação de pedagogos e educandos e à tentativa de salvar, livrar os alunos do jugo educacional dos professores. Bobagem. É preciso ver o professor como um funcionário, como é o vigilante na torre panóptica da disciplina. O professor tem que ser visto como alguém que já deu todas as provas de que é, antes de tudo, um bom aluno. Professor como produto acabado da disciplina escolar: ‘cortaram-lhe magnificamente as asas: agora é a sua vez de cortar as dos outros’”.
(2006:159)

É preciso atentarmos para o cenário político-social-cultural para que possamos pensar “as coisas” a partir de dentro... De dentro de casa, de dentro do trabalho, de “dentro” das relações interpessoais, de dentro do país onde vivo, sinto, amo, trabalho, sou e estou...

Assim, existem alguns pensadores propondo que os estudantes digam o que lhes interessa estudar, como uma possibilidade de reduzir os danos de uma educação bancária, descontextualizada e pouco produtora no que diz respeito à emergência de sujeitos não sujeitados, mas sujeitos protagonistas de seu ser/estar no mundo.

Minimizar a fragmentação e a lógica da especialização na construção do conhecimento também é uma possibilidade de reduzir danos no campo da educação... Uma pessoa com atribuição de atuar enquanto professora de biologia, por exemplo, poderia levar para debates em sala de aula a temática do HIV e da aids também enquanto um fenômeno social.

Refiro-me aqui, em especial, ao fato de pessoas que se infectam pelo vírus HIV e que admitem serem chamadas e reconhecidas (no jargão do politicamente correto) como “Pessoas que Vivem com HIV/aids” terem, em alguns casos, a partir da entrada de um vírus em seu corpo, possibilidade de acesso a espaços e contextos até então inimagináveis para ela, que provavelmente a educação através da escola não proporcionaria nunca... Tampouco a educação através da escola asseguraria a esta pessoa o direito de se pronunciar enquanto “cidadão pertencente à diversidade”... Paradoxos de uma diversidade excludente em que quando o “doente”, reivindica sua cidadania entra para o campo do diverso... E, se esta pessoa além de ter o vírus HIV, for negra, pobre, homossexual, usuária de droga e construir sua retórica fundamentada em algumas matizes do atual debate sobre diversidade, afirmo aqui que esta pessoa acumulará mais milhas nas companhias aéreas que muitos representantes políticos acumulam.

Sim. É importante ouvir o que tem a dizer os pertencentes da tal diversidade, mais ainda, é colocar a tal diversidade na roda dos debates políticos, sociais e, para respeitar a “neutralidade” da ciência, debates científicos. Mas, antes de tudo é urgente desconstruir a noção de “visita ao zoológico”. É imprescindível desconstruirmos a idéia de respeito às diversidades fundamentada simplesmente na idéia de “dar voz a”. ...Formas negativamente positivadas de estigma e rotulação social travestidas de respeito às diferenças através da perspectiva da inclusão social. São questões pertinentes ao campo da saúde-doença que assumem interface com a dimensão socio-cultural de nossa sociedade que por sua vez poderiam estar ligadas ao debate educacional em nosso país. Pois, sob o véu do “dar voz à” habita a indiferença, o pré-conceito preconceituoso.

A atitude de ir ao zoológico, não garante que gostemos de bichos e, muito menos que os respeitaremos como eles são; assim como “dar voz a” não garante sinergia para com que fala.

Trata-se, talvez de melhorar as perguntas ao invés de buscar respostas... Quais são as potencialidades de vida que a escola vem produzindo, não só para os estudantes, mas em especial para os professores? Que efeitos de subjetivação estão sendo ocasionados? É possível compor com a multiplicidade de coisas diversas? Conseguimos pensar educação como um processo relacional, simbólico-cultural? Que noção de inclusão queremos e defendemos? Até quando voaremos com as medidas exatas de nossas asas? É possível potencializarmos outras e novas asas?

Referências Bibliográficas

CORREA, Guilherme. **Educação Comunicação Anarquia – Procedências da Sociedade de Controle no Brasil**. Ed. Cortez. São Paulo/SP, 2006.

DURKHEIM, Émile – In: RODRIGUES, José Albertina (org.) **ÉMILE DURKHEIM**. Ed. Ática, São Paulo/SP, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Ed. Graal, São Paulo/SP, 2004.